

## **VIOLÊNCIA E GÊNERO NO MEIO UNIVERSITÁRIO: ESTILO DE VIDA, CARACTERÍSTICAS PESSOAIS E PROBABILIDADE DE VITIMIZAÇÃO**

### **VIOLENCE AND GENDER IN THE UNIVERSITY ENVIRONMENT: LIFESTYLE, PERSONAL CHARACTERISTICS AND LIKELIHOOD OF VICTIMIZATION**

### **VIOLENCIA Y GÉNERO EN EL ENTORNO UNIVERSITARIO: ESTILO DE VIDA, CARACTERÍSTICAS PERSONALES Y PROBABILIDAD DE VICTIMIZACIÓN**

Steffany Costa Jardim<sup>1</sup>  
Cícero Augusto Silveira Braga<sup>2</sup>  
Viviani Silva Lirio<sup>3</sup>

#### **Resumo**

A violência contra a mulher apesar de não ser um fenômeno recente, tem sua discussão em voga especialmente nas últimas décadas, com a criação de leis e estudos específicos sobre o tema. Ela pode se manifestar de diferentes formas e é reproduzida também no ambiente universitário, dada sua expansão e representação da sociedade. No intuito de contribuir com este debate, o presente trabalho busca observar de que forma se perpetua a violência contra as estudantes de uma Universidade pública do interior de Minas Gerais. A análise tem como referência as teorias da vitimização e busca verificar se existe alguma relação entre as características da vítima e do ambiente social com o tipo de violência sofrida. Com a utilização de dados obtidos com a instituição, estimam-se as probabilidades de sofrer violência a partir de um modelo *probit* binário. Complementarmente, utiliza-se um modelo bivariado para observar essa relação desagregada em violências objetivas e subjetivas. Os resultados da pesquisa – teóricos e empíricos -, mostram que algumas características individuais aumentam a probabilidade de vitimização (o que, em hipótese alguma, sugere a culpabilização da vítima).

**Palavras-chave:** Violência contra a mulher. Teoria da vitimização. Meio universitário.

#### **Abstract**

Violence against women, despite not being a recent phenomenon, has been discussed in vogue, especially in recent decades, when laws and specific studies on the subject were created. It can manifest itself in different ways and is also reproduced in the university environment, given its expansion and representation of society. In order to contribute to this debate, this paper seeks to observe how violence against students at a public university in the interior of Minas Gerais is perpetuated. The analysis is based on theories of victimization and seeks to verify whether there is any relationship between the characteristics of the victim and the social environment and the type of violence suffered. Using data obtained from the institution, the probabilities of suffering violence are estimated using a binary probit model. In addition, a bivariate model is used to observe this relationship broken down into

<sup>1</sup> Graduanda em Economia pela Universidade Federal de Viçosa, gerente de gestão de pessoas e gestão comercial da Empresa Júnior de Economia e Serviços de Consultoria entre 2016 e 2018. Monitora em Introdução à Economia em 2019. Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq 2018-2019 e 2020-2021. Atualmente é Diretora Científica na Liga Acadêmica de Estudos de Criminalidade, membro dos grupos de pesquisa do CNPq: Economia do Crime: Análises e Evidências Empíricas, Universidade Federal de Viçosa e Microeconomia do Desenvolvimento, Universidade Federal de Viçosa e compõe a Equipe Operacional do Observatório Socioeconômico de COVID-19 da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: [steffanyjardim1999@gmail.com](mailto:steffanyjardim1999@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7561-6606>

<sup>2</sup> Doutorando e mestre em Economia Aplicada pelo Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa (DER/UFV). Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) com período de mobilidade na Universidade de Coimbra (Portugal). Pesquisa na área de Microeconomia do desenvolvimento. E-mail: [ciceroaugustob@gmail.com](mailto:ciceroaugustob@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7035-4926>

<sup>3</sup> Professora Titular do Departamento de Economia Rural (DER) da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduada em Ciências Econômicas pela UFES (1994) e Doutora em Economia Rural pela UFV (2001). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Economia Aplicada (PPGEA/UFV) e pesquisadora do Instituto de Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentável (IPPDS/UFV). E-mail: [viviani.lirio@gmail.com](mailto:viviani.lirio@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6806-819X>

objective and subjective violence. The research results - theoretical and empirical - show that some individual characteristics increase the probability of victimization (which, under no circumstances, suggests the victim's guilt).

**Keywords:** Violence against women. Victimization theory. Kind of university.

### Resumen

La violencia contra la mujer, a pesar de no ser un fenómeno reciente, ha sido discutida en boga, especialmente en las últimas décadas, cuando se crearon leyes y estudios específicos sobre el tema. Puede manifestarse de diferentes formas y también se reproduce en el ámbito universitario, dada su expansión y representación de la sociedad. Para contribuir a este debate, este trabajo busca observar cómo se perpetúa la violencia contra los estudiantes de una universidad pública del interior de Minas Gerais. El análisis se basa en teorías de victimización y busca verificar si existe alguna relación entre las características de la víctima y el entorno social y el tipo de violencia sufrida. Con datos obtenidos de la institución, se estiman las probabilidades de sufrir violencia mediante un modelo probit binario. Además, se utiliza un modelo bivariado para observar esta relación desagregada en violencia objetiva y subjetiva. Los resultados de la investigación -teórica y empírica- muestran que algunas características individuales aumentan la probabilidad de victimización (lo que, en ningún caso, sugiere la culpabilidad de la víctima).

**Palabras clave:** La violencia contra las mujeres. Teoría de la victimización. Tipo de universidad.

## INTRODUÇÃO

A violência acompanha a trajetória da humanidade e é um condicionante para a inquietação da sociedade e reflexão sobre sua origem, natureza e o porquê de acontecer. Especificamente, a violência contra a mulher, apesar de não ser fenômeno recente, tem sua discussão em voga especialmente nas últimas décadas, com a criação de leis e estudos específicos sobre o tema<sup>4</sup>. De acordo com o Mapa da Violência, em 2015 a violência física representou 60% do total de atendimento de mulheres jovens e adultas brasileiras, seguida pela psicológica (23%) e sexual (11,9%). As agressões ocorrem em 71,9% dos casos no domicílio e 15,9% na rua e em mais da metade dos casos (54,2%) de agressão houve reincidência (WAISELFISZ, 2015)<sup>5</sup>.

Um problema recorrente no estudo sobre a violência, sobretudo contra a mulher, está na subnotificação dos acontecimentos. De acordo com Cerqueira e Coelho (2014), anualmente 527 mil tentativas ou casos de estupros são consumados no Brasil, dos quais 10% são reportados à polícia. Ainda, o DataSenado (2017) mostrou que 29% das mulheres brasileiras auto reportaram ter sofrido alguma forma de violência. No entanto, quando a violência é denunciada por terceiros, esse número sobe para 71%. Essa disparidade está ligada a

<sup>4</sup> Lei nº 11.340, popularmente conhecida como a “Lei Maria da Penha”. Ver <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm)> ; Lei 13.104/2015, conhecida como “Lei do Feminicídio”. Ver <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13104.htm)>; Ver “Violência contra as mulheres: processos e contextos de vitimização” (Patrício, 2014)

<sup>5</sup> Deve-se ressaltar que estatísticas sobre violências, de maneira geral, são de difícil cômputo, dada a delicadeza dos dados. No caso da violência contra a mulher isto é ainda mais evidente, dadas pressões sociais, econômicas e demográficas que recaem sobre as vítimas. Neste sentido, os valores apresentados podem estar subestimados e, portanto, possivelmente o quadro de violência pode ser ainda mais intenso na prática.

diferentes fatores, como o medo de realizar a denúncia ou por não confiar no aparato legal de proteção, o que acaba por perpetuar o cenário violento às mulheres. (DataSenado, 2017)

A violência contra a mulher é, ainda, percebida através de manifestações subjetivas, ou seja, quando não decorre de atos necessariamente criminosos. Atos deste tipo tendem a não ser reconhecidos pela sociedade e nem mesmo admitida pela vítima e pode ser observada a partir do assédio, coerção, desqualificação intelectual ou agressão moral, por exemplo, (INSTITUTO AVON; DATAPOPULAR, 2015). Estas manifestações se formalizam e institucionalizam em organizações privadas e aparelhos estatais. Diz-se, portanto, haver uma reprodução de violência ambígua que é, por um lado explícita e, ao mesmo tempo, naturalizada e relativizada. Ambas as formas de violência, ditas objetivas e subjetivas, são observadas no ambiente universitário, o que fortalece relações de poder entre homens e mulheres e perpetua papéis de gênero observados no mercado de trabalho, reforçando a sub-representação feminina na sociedade<sup>6</sup>. De acordo com o Instituto Avon e Data Popular (2015), 42% das universitárias sentem medo de sofrer violência neste ambiente, 36% já deixaram de realizar alguma atividade por medo de sofrer violência, 56% relataram ter sofrido assédio sexual e 28% sofreram violência sexual. Este resultado é consonante com trabalhos internacionais como o de Fox et.al (2009) e Woolnough (2009), que mostram que as mulheres são as que sentem mais medo de sofrerem algum tipo de violência e também são as que mais sofrem violência dentro do ambiente universitário nos Estados Unidos.

Posto que a violência contra a mulher é um fenômeno recorrente em diversas esferas da sociedade, que se manifesta de forma explícita ou nas entrelinhas do ambiente familiar, de estudo e trabalho, vê-se a necessidade de se explorar o fenômeno no intuito de contribuir para o debate na literatura e fornecer subsídios aos formuladores de políticas públicas. Sendo assim, o presente trabalho busca observar de que forma se perpetua a violência contra a mulher estudante de uma universidade pública do interior de Minas Gerais. A análise tem como referência as teorias da vitimização e busca verificar se existe alguma relação entre as características da vítima e do ambiente social com a probabilidade de sofrer alguma forma de violência e o tipo de violência sofrida. Com a utilização de dados obtidos diretamente com a instituição, estima-se as probabilidades de sofrer violência a partir de um modelo *probit* bivariado. Complementarmente, utiliza-se um modelo bivariado para observar essa relação desagregada em violências objetivas e subjetivas.

<sup>6</sup> De acordo com o *Gender Gap Index*, apesar de as mulheres estudarem mais que os homens, as disparidades de gênero são perpetuadas na participação no mercado de trabalho e, sobretudo, em termos de representação política World Economic Forum (2015).

Para isto, o trabalho se divide em cinco seções que sucedem esta introdução. Primeiramente realiza-se revisão da literatura, que mapeará os principais resultados já encontrados e dados disponíveis. Na seção 3, apresenta-se o referencial teórico, que tratará a teoria da vitimização, bem como suas teorias subjacentes: do estilo de vida e das atividades rotineiras, seguido da seção de metodologia e resultados e discussões. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

Existe uma vasta discussão na literatura nacional e internacional acerca da violência contra mulher, que ressalta existir características individuais e do estilo de vida das mulheres relacionadas à sua vitimização. Esse esforço da academia não tem por objetivo culpabilizar a vítima, mas mostrar que a violência contra mulher não ocorre de forma aleatória – ou seja- que determinados grupos de mulheres são mais vulneráveis a vitimização, a depender do tipo de violência sofrida. Dentre os principais trabalhos, observa-se que a violência contra mulher engloba fatores econômicos, sociais e culturais e que, apesar do fenômeno apresentar graus distintos entre diferentes países, existem algumas similaridades no processo de vitimização. Isto posto, esta seção dedica-se a apresentar os principais estudos que buscam verificar a existência da relação entre características individuais e do estilo de vida à vitimização de mulheres. Não foram encontrados na literatura nacional estudos que visem explicar a violência contra a mulher sob à luz da teoria da vitimização, o que reforça a importância do presente trabalho.

Mustaine e Tewksbury (1999) lançam mão da teoria do estilo de vida para explicitar os fatores que podem influenciar a probabilidade de uma universitária ser vitimada. Os resultados mostraram que a ocupação é determinante, sendo as mulheres ocupadas mais propensas à vitimização e que ela ocorre com maior frequência em locais públicos. Além disso, o uso de álcool e drogas teve impacto positivo, o que é creditado ao fato dessas mulheres se tornarem mais vulneráveis e possuírem maiores chances de estarem em contato com potenciais agressores.

Ainda, de acordo com Myhill e Allen (2002) as mulheres mais jovens são as mais prováveis de sofrerem violência sexual por fatores associados ao seu estilo de vida e ao contexto social que estão inseridas. Estas têm maior probabilidade de socializar e estarem mais próximas de homens na mesma faixa etária, que é a faixa prevalecente para agressores

deste tipo de violência. Além disso, fatores como renda, estado civil, relação com agressor aparecem como relevante; em relação à renda, a propensão a ser vitimada estimada foi três vezes maior para aquelas de estratos inferiores de renda<sup>7</sup>; as solteiras foram as que mais relataram terem sido vitimadas, e na maioria dos casos, o agressor era conhecido.

Essa relação com o agressor é confirmada por Fisher et.al (2000), que analisam os determinantes de reportar a violência sexual por estudantes da Universidade da Carolina do Norte. Os autores notam uma importante subnotificação dos casos quando é praticado por um conhecido (mesmo sendo estes os principais agressores), e as estudantes tenderam a notificar mais os casos quando ocorridos no campus da Universidade ou quando envolveu arma de fogo.

Consonantemente, em um estudo com Universidades espanholas, Valls et.al (2016) observaram que os estudantes tendem a associar a violência contra mulher à agressão física e sexual, mas desconsideram como violência atos envolvendo controle, dominação e humilhação. Além disso, quase metade dos estudantes que sofreram algum tipo de violência sofreram mais de um tipo, e quase a totalidade decidiu não reportar o caso, por não saber a quem recorrer na Instituição ou por receio de não receber o suporte da Universidade. Neste mesmo sentido, Fisher et.al (2003) encontraram para um estudo na Califórnia que as universitárias de menores faixas de renda e mais jovens tendiam a denunciar menos os casos de violência sexual.

Em relação à subnotificação, Myhill e Allen (2002) ainda observam que o estupro é um dos crimes contra a mulher menos reportados e alinham esse fato à natureza traumática e o alto grau de envolvimento pessoal no caso. A sensação de insegurança e a mudança em seu estilo de vida – evitar certos lugares, pessoas e deixar de sair – foram bastante recorrentes após o ocorrido. Este comportamento após a agressão é verificado também na pesquisa com universitárias brasileiras do Instituto Avon e Data Popular (2015).

Ainda entre os fatores associados ao estilo de vida, trabalhos como o de Zotareli et.al (2012) para uma Universidade de São Paulo e Lehrer et.al (2007) para uma Universidade do Chile encontraram que o fato de residir com os pais estava associado negativamente com a probabilidade de vitimização, o que é relacionado a uma maior proteção, ou como é indicado na teoria do estilo de vida, um guardião capaz. De acordo com Patrício (2014) a vitimização de mulheres é um processo cumulativo e paralelo ao seu curso de vida. A autora constatou que a

---

<sup>7</sup> Autores como Myhill e Allen (2002) em uma análise dos casos de estupro com mulheres britânicas, Lourenço et.al (1997) ao analisar a violência física e psicológica de mulheres portuguesas e Araújo et.al (2014) em um estudo para o Piauí também encontram relação negativa da vitimização com a renda.

idade tem influência na vitimização sexual, uma vez que as mais jovens<sup>8</sup> são as mais afetadas e que existe uma precocidade em todas as formas de violência, dado que o primeiro episódio ocorre, na maioria das vezes, antes dos 18 anos. A questão da precocidade também é abordada por Basile e Smith (2011).

Patrício (2014) ainda observa que a relação com o agressor também é relevante, constituindo uma trajetória de transição: nas faixas etárias iniciais a violência é de cunho parental e na fase adulta, conjugal. Esse tipo de relação influi na localidade em que ocorre a agressão, sendo a violência parental/familiar perpetrada em casa, a conjugal ocorrendo tanto em casa quanto em espaços públicos e na rua, e a praticada por desconhecidos predominando na rua e em espaços públicos.

Outra característica observada pela literatura que exerce influência na vitimização de mulheres é a raça. Romio (2013) constata que as mulheres negras superam as brancas tanto em número de ocorrências, quanto na concentração da violência em faixas mais jovens relativas às mulheres brancas. A influência da raça no processo de vitimização também é verificada por Waiselfisz (2015), no qual aponta que no período de análise (2003-2013), o homicídio de mulheres negras no Brasil aumentou em mais de cinquenta por cento, enquanto o de brancas reduz em torno de dez por cento.

Além das características citadas anteriormente, estudos como o de Edwards et.al (2015) apontam que a orientação sexual dos universitários pode ser um fator de influência na propensão a ser vitimado (a). Os resultados indicaram que estudantes não heterossexuais em Universidades inglesas reportavam taxas de vitimização maiores em todos os casos analisados em relação ao grupo de estudantes heterossexuais. Os autores aderem a esse fato o reflexo do preconceito contra o primeiro grupo, além de apontarem que os estudantes que vivenciaram a vitimização tendem a não pedirem ajuda, o que contribui para perpetuação da violência.

A literatura sobre violência contra mulher ainda aborda a relação entre a sensação de insegurança e a vitimização. Woolnough (2009) afirma que estudantes do sexo feminino têm mais medo de sofrer alguma forma de violência do que os do sexo masculino e também são as mais propensas a serem vitimadas. Já Myhill e Allen (2002) apontam em um estudo com mulheres britânicas que as que já foram vitimadas mostraram se sentir mais inseguras do que as que não foram.

Os estudos referenciados mostram que o fenômeno da violência contra mulher não é algo aleatório, ou seja, existem determinadas características pessoais e do próprio ambiente

---

<sup>8</sup> Martins (2017) ao analisar a violência doméstica no Brasil, também constatou que as mais jovens são as mais vitimadas. Além disso, ser solteira e ter filhos mostraram-se como tendo impacto positivo na vitimização.

em que a mulher vive que podem contribuir para uma maior propensão à vitimização. É necessário ressaltar que se tratam de correlações dados os fenômenos observados e, nunca, uma justificativa da violência ou culpabilização das vítimas. Sendo assim, torna-se importante conhecer como se dá esse processo no meio universitário, uma vez que por receber pessoas de diferentes localidades, com características e hábitos diversos, pode refletir de certa forma a dinâmica que ocorre na sociedade brasileira.

**Tabela 1 – Evidências empíricas sobre violência contra mulher, características pessoais e fatores do estilo de vida**

| <b>Autores(as) e ano</b>    | <b>Abordagem</b>  | <b>Métodos</b>                          | <b>Principais Resultados</b>   |
|-----------------------------|---|---|--|
| Mustaine e Tewksbury (1999) | Probabilidade de uma universitária ser vitimada   | Regressão Logística                     | Frequência em locais públicos e uso de álcool mostraram-se relevantes.   |
| Myhill e Allen (2002)       | Estupro e assédio sexual  | Análise Descritiva                      | Predominância de vítimas jovens, de baixa renda, múltiplas vitimizações. Sensação de insegurança recorrente e falta de denúncia dos casos. |
| Fisher et.al (2000)         | Vitimização sexual de universitárias  | Análise Multivariada                    | Mulheres negras são as mais vitimadas e as que se sentem menos seguras.  |
| Valls et.al (2016)          | Violência contra mulher no meio universitário   | Análise de dados univariada             | Recorrência de mais de um tipo de violência sofrida e falta de denúncia do ocorrido.   |
| Zotareli et.al (2012)       | Violência sexual e de gênero e fatores relacionados   | Análise Multivariada                    | Estudantes femininas que moravam com os pais eram menos prováveis de sofrer alguma forma de violência.                                     |
| Lehrer et.al (2007)         | Prevalência e fatores de risco associados à vitimização sexual de universitárias do Chile                                   | Modelo Logit                            | Consumo de álcool e drogas mostrou-se relevantes. Residir com os pais diminuía a probabilidade de vitimização.                             |
| Patrício (2014)             | Vitimização de mulheres como processo cumulativo  | Análise de dados univariada e bivariada | Predominância de vítimas jovens, solteiras e que sofreram mais de um tipo de violência.  |
| Basile e Smith (2011)       | Características e fatores de vulnerabilidade da vitimização sexual  | Análise Multivariada                    | As mulheres são mais propensas de sentirem medo e sofrerem qualquer tipo de vitimização na Universidade.                                   |
| Romio (2013)                | Vitimização segundo raça/cor  | Análise Descritiva                      | As mulheres são tanto as que sentem mais medo, quanto as que são mais vitimadas e adotam comportamentos protetivos.                        |
| Edwards et.al (2015)        | Analisa a incidência de violência entre estudantes não heterossexuais e comparar com as taxas dos estudantes heterossexuais | Análise Multivariada                    | Estudantes que residiam com os pais eram menos prováveis de serem vitimadas.   |
| Woolnough (2009)            | Percepção de segurança e probabilidade de   | Análise Multivariada                    | Para violência física e psicológica as mulheres jovens e com menor renda são as mais atingidas.  |

---

|   |  |   |   |
|---|--|---|---|
|   | vitimização  |   |   |
| Lourenço (1997)                           | Múltiplas dimensões da violência contra mulher   | Análise Multivariada                                    | Precocidade da vitimização, proximidade com o agressor e as negras são as mais atingidas..  |
| Fox et.al (2009)                          | Relação entre gênero, medo de ser vitimado e sofrer alguma violência   | Modelo Logit  | As mulheres jovens, solteiras e com filhos mostraram-se as mais prováveis de serem vitimadas.   |
| Martins (2017)                            | Relação entre violência doméstica e características da mulher e do ambiente social   | Análise Multivariada                                    | Vítimas mais jovens e de classes mais baixas de renda tendiam a denunciar menos os casos.   |
| Fisher et.al (2003)                       | Determinantes de reportar a vitimização sexual em uma Universidade da Califórnia   | Regressão Logística                                     | Para todas as formas de violência analisadas, os estudantes não heterossexuais reportaram taxas maiores do que o grupo de estudantes heterossexuais.  |
| Araújo et.al (2014)<br>Waiselfisz (2015), | Análise do perfil de vítimas de agressão física no Piauí<br>Evolução do homicídio de mulheres no Brasil e fatores relacionados ao fenômeno | Estudo retrospectivo quantitativo<br>Análise Descritiva | Vítimas sendo majoritariamente solteiras e de faixas de renda mais baixas.<br>Mulheres negras, na faixa dos 18 a 30 anos são as mais atingidas. O local de ocorrência é predominantemente a residência e a violência física é a mais frequente. |

---

Fonte: Elaboração Própria

## REFERENCIAL TEÓRICO: TEORIAS DA VITIMIZAÇÃO

A análise do crime<sup>9</sup> pela ótica da economia teve início com Gary S. Becker (1968), por uma perspectiva racional. Para o autor, um indivíduo comete um crime se a utilidade esperada do ato criminoso for maior do que a utilidade de realizar outras atividades de cunho legal. Para o criminoso, o resultado de uma análise de custos e benefícios mostra que o crime é vantajoso, sendo que ele considera não apenas o custo de planejamento e execução, mas como também o custo de oportunidade e o custo moral em desrespeitar as leis. A partir da primeira metade do século XX, o foco das pesquisas sobre a violência passa a ser a vítima, buscando analisar se existem fatores relacionados a esta que podem influenciar na propensão a ser vitimada, o que permite uma análise de extensão e particularidades do processo de violência e vitimização. Essa abrangência é, portanto, importante sobretudo na análise da violência contra a mulher.

---

<sup>9</sup> Nem toda atividade violenta é, necessariamente, criminosa. Entretanto, os atos violentos aqui considerados (violência física e, ou, psicológica) de fato configuram-se como tal. Desta forma, neste trabalho, crime e violência podem, em alguma instância, serem tratados como sinônimos.

A teoria do Estilo de Vida surge no intuito de explicar as diferenças do risco de vitimização entre os grupos sociais, considerando principalmente que a probabilidade um indivíduo ser vitimado depende, em grande parte, dos hábitos individuais e das ações cotidianas (HINDELANG, GOTTFREDSON e GAROFALO, 1978). O estilo de vida é definido pelos autores como atividades de rotina e de lazer, sendo essas atividades influenciadas pelas expectativas e estruturas sociais em que o indivíduo se insere. Destarte, suas atividades diárias podem colocá-los em contato com o crime ou simplesmente influenciar no risco que os mesmos têm de serem vitimados, além das características individuais que podem aumentar ou diminuir a probabilidade de ser acometido pelo crime, sendo elas idade, sexo, estado civil, renda familiar e raça, por exemplo.

Neste sentido, a teoria destaca que o gênero desempenha um papel importante no estilo de vida, dado que homens e mulheres são submetidos a diferentes formas de socialização e, por isso, possuem probabilidades diferentes de serem vitimados (o que varia de acordo com o tipo de crime). Aliado ao gênero, a idade também influencia essa probabilidade devido o contato da pessoa com indivíduos que não sejam da família. Adolescentes são mais propensos a serem vítimas, visto que se inicia a formação de novos relacionamentos e participação de atividades sociais, o que poderia resultar em maiores interações com estranhos e aumentar o risco de vitimização. Outro ponto trazido pela teoria, também percebido nas evidências empíricas (vide seção anterior) é o estado civil que, junto aos laços familiares, tende a resultar em mais tempo gasto em casa e como consequência menor exposição, reduzindo a probabilidade de vitimização.

Além disso, a renda familiar se mostra uma restrição importante sobre as opções comportamentais, devido ao fato de ter ou não flexibilidade para ajustar sua vida como se deseja. Dessa maneira, os grupos de baixa renda enfrentam maiores risco de vitimização. Os autores afirmam, que a raça está associada a renda familiar e, como pessoas brancas são mais propensos a frequentarem e viverem em áreas economicamente mais homogêneas, as oportunidades de ambos os grupos são muito diferentes e pode resultar em variações nas suas chances de vitimização.

Complementarmente, a teoria das atividades rotineiras surge com Cohen e Felson (1979) no intuito de explicar que as elevações das taxas de criminalidade podem ocorrer sem nenhuma mudança nas condições estruturais que motivam os infratores a cometer um crime, desde que haja um aumento na oferta de alvos não protegidos para a vitimização. A abordagem utiliza de regularidades no cotidiano dos indivíduos para explicar a probabilidade de

os mesmos serem vitimados. Atividade rotineira é classificada como atividades “recorrentes e prevalentes” que a população realiza para atender necessidades básicas e individuais. A estrutura dessas atividades traz pessoas de várias origens em interação umas com as outras, o que pode levar a conflitos interpessoais e oportunidades para o comportamento criminoso e de vitimização.

Para os autores é necessário a coexistência no mesmo espaço e ao mesmo tempo de três fatores: um ofensor motivado, uma vítima em potencial e ausência de guardiões (proteção). O agressor motivado seria o indivíduo que devido à alguma razão considerou vantajoso cometer o crime, sendo considerado como um fato dado, visto que a análise sobre as razões que podem levar um indivíduo a cometer um crime já havia sido abordada em teorias passadas, como a Teoria Econômica do Crime de Gary S. Becker (1968). As atividades rotineiras têm efeito sobre a adequação da vítima em potencial em um padrão de comportamento, o que pode aumentar a possibilidade de convergir em um mesmo local, ao mesmo tempo, a vítima com um potencial agressor. O guardião é definido tanto como os aspectos formais de justiça criminal como os mecanismos informais de articulação social que possa realizar observação e sanção.

Nesta Teoria são especificadas três hipóteses, *ceteris paribus*: maior exposição aumenta a probabilidade de vitimização; alvos com menor capacidade de proteção são mais propensos a serem vitimados; e quanto maior a proximidade entre vítima e agressor, maior a probabilidade de vitimização. Deste modo, expostas as hipóteses trazidas pela abordagem teórica, a próxima seção explicitará a estratégia de identificação empírica utilizada para responder os objetivos do trabalho.

## METODOLOGIA

Esta seção subdivide-se em três partes: a primeira busca apresentar a estratégia de identificação e os métodos econométricos utilizados para verificar a hipótese do trabalho; a segunda apresenta a descrição das variáveis utilizadas no modelo estatístico e a terceira a fonte de dados utilizada.

### Estratégia de Identificação

O problema de pesquisa consiste em analisar a probabilidade de vitimização dos estudantes de uma universidade pública do interior de Minas Gerais a partir de características individuais e fatores associados ao estilo de vida, uma vez que, como visto na literatura, existem grupos mais vulneráveis e propensos a sofrerem determinadas formas de violência. Especificamente no caso da violência contra mulher, que ocorre nos diversos espaços, incluindo o ambiente universitário, pode se ter manifestações tanto de maneira mais direta, através da violência física e sexual, quanto de atos menos explícitos, como desqualificação intelectual, assédio e outros, que se classificam como violência psicológica.

A modelagem deste problema pode ser posta de acordo com o modelo de Gary S. Becker (1968), ao analisar a utilidade esperada do indivíduo que comete o ato criminoso. Segundo o autor, o indivíduo optará pelo crime sempre que a utilidade esperada da atividade criminosa for maior que a utilidade esperada de outra de cunho legal. Sendo assim, os universitários estão propensos a sofrerem violência física e/ou psicológica de acordo com a maximização de utilidade do agente criminoso, representado por:

$$U_f = V_f + \varepsilon_f \quad (1)$$

$$U_p = V_p + \varepsilon_p \quad (2)$$

em que  $U_f$  é a utilidade esperada de se cometer a violência física, formada por uma parte determinística  $V_f$  e uma parte aleatória  $\varepsilon_f$  (de forma análoga tem-se  $U_p, V_p$  e  $\varepsilon_p$ ).

Posto a análise do indivíduo que comete o crime, é possível também observar a perda de utilidade do indivíduo que sofre o crime. Sendo assim, define-se como variável latente (não observada)  $Y_i$ , que se refere à propensão do  $i$ -ésimo indivíduo sofrer violência. Essa variável varia de um mínimo a um máximo, passando por um nível limite  $Y^*$  que determina a ocorrência da vitimização. Ou seja:

$$Y_i^* = \beta_1 X_i + u_i \quad (3)$$

em que  $\beta_1$  é o coeficiente angular, que mede o impacto de  $X_i$  sobre  $Y_i$ ;  $X_i$  é um vetor de variáveis explicativas de interesse, definidas com base na literatura; e  $u_i$  é o termo de erro aleatório.

A variável latente  $Y_i$  apresenta, então, uma resposta binária: sendo igual a 1 se o indivíduo sofre violência e 0, caso contrário, como ilustrado abaixo:

$$Y_i = \begin{cases} 1 & \text{se } Y_i^* > C \\ 0 & \text{se } Y_i^* < C \end{cases}$$

Como a variável explicada é uma variável *dummy* binária, que assume valor um caso o evento ocorra e zero caso contrário, os modelos de escolha qualitativa se mostram os mais adequados para realizar a análise de interesse (WOOLDRIDGE, 2006). Desta forma, com o intuito de analisar inicialmente a ocorrência ou não da vitimização e sua relação com as variáveis de interesse, optou-se pelo modelo Probit, uma vez que outros estudos<sup>10</sup> com objetivos similares mostraram ser o modelo mais adequado. O modelo Probit se baseia na função de distribuição normal cumulativa.

Uma vez realizada as estimações, percebeu-se que as características individuais e os fatores relacionados ao estilo de vida podem influenciar de maneiras distintas a probabilidade de vitimização, a considerar as diferentes formas de violência manifestadas. O probit estima a ocorrência ou não da vitimização, entretanto, a violência neste estudo é representada por duas formas diferentes: a violência física, que engloba agressão física e violência sexual; e a violência psicológica, que representa as violências praticadas de maneiras sutis, como a inferiorização, humilhação, desqualificação intelectual e outros.

Deste modo, a variável dependente de interesse assume duas categorias, sendo estas categorias não excludentes. O fato de as duas formas de violência coexistirem implica em correlação nos termos de erro das duas equações a serem estimadas, uma vez que os fatores não observáveis que impactam na probabilidade de ocorrência da violência física podem impactar concomitantemente a probabilidade de ocorrência da violência psicológica. Tendo isso em vista, torna-se necessário a definição de um modelo que leve em consideração as possíveis manifestações de violência, que não são excludentes, e que assuma a correlação nos termos de erro.

O modelo que melhor se adequa a este caso é o *probit* bivariado, que realiza a estimação conjunta de dois modelos *probit* univariados. Este modelo permite observar a ocorrência da violência de duas formas:  $Y_1$  (igual a 1 se o indivíduo sofre violência física e 0 caso contrário);  $Y_2$  (igual a 1 se o indivíduo sofre violência psicológica e 0 caso contrário), como mostram as equações (4) e (5):

$$Y_{1i}^* = \beta_1 X_i + u_i \quad (4);$$

$$Y_{1i} = 1 \text{ se } Y_{1i}^* > 0; Y_{1i}^* = 0, \text{ caso contrário}$$

$$Y_{2i}^* = \beta_2 X_i + u_i \quad (5);$$

<sup>10</sup> Silva e Godoy (2016) utilizam do *probit* para analisar a desigualdade de gênero e a vitimização; Silva (2014) analisa os determinantes da vitimização no Brasil a partir de regressões do modelo *probit*; Salvato et.al (2016) verificam a relação entre as características pessoais e probabilidade de vitimização valendo-se também do *probit*.

$$Y_{2i} = 1 \text{ se } Y_{2i}^* > 0; Y_{2i}^* = 0 \text{ caso contrário}$$

em que  $\beta_1$  e  $\beta_2$  medem o impacto das variáveis explicativas sobre a variável dependente;  $X_i$  é o vetor de variáveis explicativas que representam as características individuais e os fatores relacionados ao estilo de vida (definidos com base na teoria utilizada e na literatura); e  $u_i$  o termo de erro aleatório. As variáveis explicativas são apresentadas na subseção posterior. A escolha simultânea deste modelo leva a quatro resultados distintos, excludentes entre si: sofre violência física e não sofre psicológica; sofre psicológica e não sofre física; sofre ambas as violências; não sofre nenhuma das violências supracitadas.

Este modelo fornece ganhos à análise na medida em que permite maior inferência sobre os diferentes tipos de violências sofridas e como as variáveis explicativas interagem para explicar cada uma das opções de vivências, o que não é captado pelo modelo binário, uma vez que este último só observa se a pessoa sofreu ou não violência. Todas as estimações dos modelos e análises econométricas foram realizadas no Software Stata.

### Fonte de dados e definições das variáveis

Para este estudo foram utilizados os microdados da Pesquisa de Vivências de Violências de Estudantes, obtidos junto à instituição. A pesquisa lançou mão de aplicações de questionários aos estudantes de graduação. O objetivo da Pesquisa foi identificar se havia violência sistemática contra os estudantes da Universidade, uma vez que seus discentes já haviam denunciado a ocorrência de várias formas de violência, justificando a necessidade de verificar essas manifestações por meio de pesquisas científico-acadêmicas.

A amostra foi composta por 402 estudantes da graduação<sup>11</sup>, dos mais variados cursos da Instituição e conta com informações sobre o perfil dos/das estudantes, bem como os vários tipos de violências que eles vivenciam no principal campus da Universidade, sendo subdivididos em autodeclarados e relatados por terceiros. A partir dos principais trabalhos encontrados referentes à vitimização e sua relação com as características individuais e do estilo de vida, definiu-se as variáveis de interesse, explicitadas a seguir.

Para o modelo binomial, que analisa se o estudante sofreu ou não alguma violência, tem-se a variável dependente binária *sof\_violencia*. Já para o modelo bivariado, tem-se duas

<sup>11</sup> A população de estudantes de graduação no principal campus desta instituição em 2017 era de 11.367 alunos. Sendo assim, a amostra ideal para esta pesquisa, com um nível de confiança de 95% e 5% de margem de erro de, no mínimo, 372 estudantes.

variáveis dependentes binárias: *viol\_fis*, representando se o estudante sofreu violência física e/ou sexual ou não, e *viol\_psi*, capturando se o estudante sofreu violência psicológica ou não. Em ambos os modelos foi incluída como variável explicativa a *dummy* de sexo, no intuito de verificar em que extensão o fato de ser mulher pode impactar na probabilidade de um universitário ser vítima de algum tipo de violência e se essa influência varia ao analisar a violência desagregada nas duas formas consideradas. Ademais, tem-se a variável explicativa *cor*, onde se espera que os indivíduos não brancos tenham maior propensão a serem vitimados; a variável *hetero*, que representa a orientação sexual do estudante e espera-se que indivíduos não heterossexuais tenham maior probabilidade de sofrer violência; as variáveis de renda familiar, estado civil e residir com a família, que representam fatores do estilo de vida do indivíduo e que, de acordo com a teoria espera-se que indivíduos de menor renda sejam mais propensos a serem vitimados, assim como os indivíduos solteiros e que não residem com a família. Por fim, têm-se as variáveis que capturam o consumo de álcool e drogas ilícitas pelos estudantes e espera-se que o consumo possa estar associado positivamente à vitimização e também a variável que representa a sensação de insegurança, onde espera-se que os indivíduos que se sintam inseguros sejam os mais vitimados.

Todas as variáveis citadas seguem descritas na Tabela 2:

**Tabela 2 – Descrição das variáveis utilizadas no modelo *probit***

| Variáveis  | Descrição   |
|--|---|
| <i>Variáveis Explicadas</i>  |   |
| <i>sof_violencia</i>   | No modelo binomial, <i>Dummy</i> que assume valor 1 se o estudante sofre violência e 0, caso contrário.                                   |
| <i>viol_fis</i>  | No modelo bivariado, assume valor 1 se o estudante sofre agressão física e/ou violência sexual  |
| <i>viol_psi</i>  | No modelo bivariado, assume valor 1 se o estudante sofre violência psicológica.   |
| <i>Variáveis Explicativas</i>  |   |
| <i>Sexo</i>  | Assume valor 1 se for do sexo feminino  |
| <i>Cor</i>   | Assume valor 1 se for branco  |
| <i>Hetero</i>  | Assume valor 1 se for heterossexual   |
| <i>estado_civil</i>  | Assume valor 1 se for casado  |
| <i>renda_fam1</i><br><i>renda_fam2</i><br><i>renda_fam3</i><br><i>renda_fam4</i> | <i>Dummy</i> que capta a faixa de renda mensal familiar, sendo, respectivamente, entre 0 e 3 salários mínimos; 3 e 5; 5 e 10; mais que 10 |
| <i>residir_fam</i>   | Assume valor 1 se reside com familiar (es)  |
| <i>álcool</i>  | Assume valor 1 se consome álcool  |
| <i>ilícitas</i>  | Assume valor 1 se usa drogas ilícitas   |
| <i>Inseguro</i>  | Assume valor 1 se sente inseguro na Universidade  |

Fonte: Elaboração Própria

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção dedica-se em apresentar os principais resultados obtidos pela pesquisa. Para isso, subdivide-se em duas subseções, bem sendo as estatísticas descritivas da amostra e as violências auto relatadas. Posteriormente, apresentam-se os resultados dos modelos *probit* e *probit* bivariado para avaliar o impacto das características individuais e fatores associados ao estilo de vida sobre a probabilidade de vitimização.

### Perfil dos estudantes da instituição e características de violência

A amostra foi composta por 402 estudantes, sendo 204 do sexo masculino e 198 do sexo feminino. Na Tabela 3, apresentam-se as principais características sócio demográficas dos entrevistados (as).

Tabela 3 – Características sócio demográficas dos (as) estudantes entrevistados (as)

| Variável                      | Feminino |      | Masculino |      |
|-------------------------------|----------|------|-----------|------|
|                               | Freq.    | %    | Freq.     | %    |
| Branco (a)                    | 79       | 39,9 | 93        | 45,6 |
| Casado (a)                    | 5        | 2,5  | 3         | 1,5  |
| Filhos                        | 7        | 3,5  | 6         | 3    |
| Heterossexual                 | 162      | 82,7 | 140       | 68,6 |
| Renda Familiar (0 a 3SM)      |          |      |           |      |
| Renda Familiar (3 a 5SM)      | 99       | 50   | 93        | 45,6 |
| Renda Familiar (5SM a 10 SM)  | 43       | 21,2 | 41        | 20,1 |
| Renda Familiar (mais de 10SM) | 3        | 1,5  | 10        | 5    |
| Reside com a família          | 47       | 23,7 | 35        | 17,2 |
| Consumo de Bebidas alcoólicas | 134      | 67,7 | 150       | 73,5 |
| Consumo de drogas ilícitas    | 27       | 13,6 | 46        | 22,5 |

Fonte: Elaboração Própria

Nota: A porcentagem diz respeito à proporção feminino x masculino.

A faixa etária prevalecente dos estudantes foi de 18 a 25 anos, representando 91,25% de toda amostra. A maioria (97,75%) dos estudantes se autodeclararam solteiros e não possuíam filhos (96%), sendo as proporções desagregadas pelo sexo muito similares, como

mostra a tabela anterior. Do total da amostra, brancos e amarelos representavam juntos 43,25% da amostra, enquanto pretos e pardos apresentavam 14,0% e 41,0%, respectivamente. Em relação à orientação sexual, a maioria dos estudantes se autodeclararam heterossexuais (75,5%), sendo que representava 82,7% do total das mulheres e entre os homens 68,6%. Em relação à renda mensal, 47,5% dos respondentes possuía renda mensal familiar de até 3 salários mínimos e 46% afirmaram receber algum tipo de assistência estudantil. Uma pequena parcela dos estudantes que foram entrevistados residia com a família, representando 23,7% das mulheres e 17,2% dos homens. Além disso, a maior parte afirmou consumir bebidas alcoólicas (70,5%), enquanto 18% do total dos estudantes afirmaram usar algum tipo de drogas ilícitas.

Além das características pessoais, a pesquisa contou com questionário de percepção de segurança e tipos de violências presenciadas e sofridas. Na Tabela 4, apresentam-se as estatísticas de resposta destas características.

Tabela 4 – Percepção de segurança e práticas de violência no campus

| Variável                     | Feminino |       | Masculino |       |
|------------------------------|----------|-------|-----------|-------|
|                              | Freq.    | %     | Freq.     | %     |
| Sente-se inseguro(a)         | 105      | 53,03 | 74        | 36,27 |
| Sofreu Violência             | 50       | 25,3  | 35        | 17,2  |
| Sofreu Violência Física      | 4        | 2,02  | 4         | 1,96  |
| Sofreu Violência Sexual      | 37       | 18,7  | 10        | 4,9   |
| Sofreu Violência Psicológica | 33       | 16,7  | 21        | 10,3  |

Fonte: Elaboração Própria

Ao observar a sensação de segurança no campus, verifica-se que 44,53% do total dos estudantes entrevistados se sentem inseguros no campus devido à má iluminação, falta de controle dos transeuntes, dentre outras. Ao observar essa variável desagregada por sexo observa-se que 53,3% das mulheres entrevistadas se sentem inseguras e 36,27% se sentem inseguros. Em relação às práticas violentas, 85 afirmaram ter vivenciado alguma forma de violência, representando 21,14% da amostra, sendo que do total de mulheres 25,3% afirmaram ter sofrido e do total de homens 17,2% afirmaram ter sido vítima de violência.

Como explicitado nas primeiras seções, a violência pode se manifestar de diferentes maneiras. Dos (as) respondentes, predominantemente a forma mais comum de violência é a sexual e psicológica, uma vez que diferentes vivências são agrupadas dentro desses dois tipos de violência. Sendo englobadas em violência sexual: assédio sexual, tentativa de estupro,

estupro, cantada ofensiva, desrespeito ao corpo e coagido (a) a dar ou receber beijo de alguém. Já em violência psicológica foram consideradas: agressão psicológica, assédio moral, ser ridicularizado (a), intimidado (a), ameaçado (a) de agressão física, desqualificado (a) intelectualmente, ofendido (a) verbalmente, humilhado (a), difamado (a) e ouviu piadas machistas/sexistas. Em violência física considerou-se apenas se o estudante foi agredido fisicamente.

É possível observar pela tabela 4 que as mulheres se sentem relativamente mais inseguras dentro do seu grupo do que os homens, o que pode estar relacionado às experiências de vitimização ou ao próprio medo de sofrer alguma forma de violência. Em relação à violência física, não houve diferença nas reportagens entre os sexos. Já nos casos de violência sexual e psicológica, as mulheres foram relativamente mais agredidas que os homens dentro dos seus grupos.

Partindo do perfil dos estudantes em termos das características e fatores associados ao estilo de vida que a pesquisa analisou e das vivências de violência, é possível estimar os determinantes da probabilidade de um estudante de ensino superior desta instituição ser vitimado. De forma mais clara, pode-se verificar quais dessas variáveis utilizadas tem relação significativa com a propensão de vitimização e se essa interação se modifica ao desagregar a violência em dois tipos: violência física (que engloba a agressão física e a violência sexual) e a violência psicológica. Posteriormente, faz-se a discussão com os principais estudos referenciados, com o intuito de verificar se a dinâmica da violência na Universidade em questão se assemelha com o de outras Universidades e ainda com o processo da violência contra mulher que se visualiza na sociedade brasileira.

### **Determinantes da probabilidade de um estudante ser vitimado**

Nesta subseção apresentam-se os resultados estimados pelos modelos econométricos. No intuito de observar as probabilidades de vitimização, utiliza-se três modelos: o primeiro inclui somente a variável sexo para captar o efeito do estudante ser mulher sobre a probabilidade de vitimização. Posteriormente, foram adicionadas as variáveis referentes às características individuais (2) e ao estilo de vida (3) para verificar o efeito destas sobre a variável de interesse. Na Tabela 5 é possível observar os resultados das especificações. Os

modelos apresentaram significância global<sup>12</sup> e mostraram-se ser bons preditores, por meio da análise do teste de Wald e da curva ROC.

Tabela 5 – Probabilidade de sofrer violência (*probit*)

| Violência    | (1)                      | (2)                                | (3)                                |
|--------------|--------------------------|------------------------------------|------------------------------------|
| sexo         | 0.2814**<br>(0.1417)     | 0.4541***<br>(0.15143)             | 0.3488**<br>(0.16277)              |
| cor          | -                        | -0.0012 <sup>ns</sup><br>(0.15010) | -0.0544 <sup>ns</sup><br>(0.15528) |
| hetero       | -                        | -0.8871***<br>(0.16214)            | -0.8132***<br>(0.16552)            |
| estado_civil | -                        | 0.4453 <sup>ns</sup><br>(0.45019)  | 0.7989*<br>(0.44210)               |
| renda_fam1   | -                        | 0.1814 <sup>ns</sup><br>(0.20861)  | 0.0466 <sup>ns</sup><br>(0.21736)  |
| renda_fam2   | -                        | 0.4697**<br>(0.23639)              | 0.3737 <sup>ns</sup><br>(0.24911)  |
| renda_fam3   | -                        | 0.3328 <sup>ns</sup><br>(0.30520)  | 0.3986 <sup>ns</sup><br>(0.30644)  |
| renda_fam4   | -                        | 0.0246 <sup>ns</sup><br>(0.43887)  | 0.0005 <sup>ns</sup><br>(0.47338)  |
| residir_fam  | -                        | -                                  | -0.0385 <sup>ns</sup><br>(0.19751) |
| alcool       | -                        | -                                  | 0.32327*<br>(0.19332)              |
| ilicitas     | -                        | -                                  | -0.0345 <sup>ns</sup><br>(0.18423) |
| inseguro     | -                        | -                                  | 0.7507***<br>(0.15903)             |
| constante    | -0.94798***<br>(0.10382) | -0.6579***<br>(0.22238)            | -1.1876***<br>(0.28981)            |

Número de observações 402

Notas: \* p<0.10; \*\* p<0.05; \*\*\* p<0.01; ns indica não significância. Erros padrão entre parênteses.

Fonte: Resultados da pesquisa

Os resultados mostraram que o fato de ser mulher se associa de forma positiva a probabilidade de vitimização, ou seja, as mulheres estão mais predispostas de sofrer violência no campus ou em festas acadêmicas, o que vai ao encontro da literatura. Em seguida, foram adicionadas ao modelo (2) outras variáveis que representam as características individuais das vítimas para verificar o impacto destas sobre a probabilidade de vitimização.

O parâmetro da variável de sexo tornou-se mais intenso, mostrando que características individuais também relacionam-se com a probabilidade de vitimização. Além disso, estudantes

<sup>12</sup> O teste de Wald indicou que os parâmetros são estatisticamente diferentes de zero, e assim, os modelos possuem significância global. A curva ROC indicou que as regressões são bons preditores, uma vez que a área apresentou o valor de 0,7143 para a especificação (2) e 0.7743 para a especificação (3).

não heterossexuais têm maior probabilidade de ser vitimado. O resultado para a variável de orientação sexual vai ao encontro com o trabalho de Edwards et.al (2015), que ao comparar a vitimização de estudantes heterossexuais com a de estudantes não heterossexuais em uma Universidade Britânica, observaram que o segundo grupo apresentava maior probabilidade de vitimização em todas as formas de violência analisadas. Os autores creditam esse fato ao próprio status da orientação sexual e o reflexo do preconceito contra esses indivíduos.

Neste trabalho a variável cor não apresentou valor estatisticamente significativo, convergindo com a análise de Zotareli et. al (2012) para a vitimização de mulheres em uma Universidade Pública de São Paulo. Entretanto, ao analisar a violência contra mulher fora do meio universitário, observa-se que a cor/raça exerce influência na probabilidade de vitimização, como aponta Romio (2013) no estudo sobre a violência por agressão física segundo cor/raça no Brasil, onde se observa que as mulheres negras apresentam as maiores taxas de ocorrência. Sendo assim, os resultados podem indicar que por estarem em um meio mais intelectual, e por conta dos estudantes conviverem com a maior pluralidade e heterogenidade dos indivíduos, a violência contra mulher pode não estar condicionada à raça. Entretanto, mostra que as mulheres são as mais vítimas de violência, independente das características individuais.

O estado civil não mostrou-se como preditor da vitimização para a especificação (2), o que converge aos resultados encontrados para outros estudos sobre violência nas universidades, como o de Zotareli et.al (2012) no estudo sobre vitimização na Universidade de São Paulo. Para as *dummies* que representam a renda familiar mensal dos estudantes, aqueles que possuem renda familiar entre 3 a 5 salários mínimos apresentam maiores chances de ser vitimado. Esse resultado é corroborado por Myhill e Allen (2002) ao analisar os casos de estupro na Inglaterra, observando que as mulheres com menores rendas possuíam maior risco de serem vitimadas. A teoria do estilo de vida aborda que a renda familiar se mostra uma restrição importante aos indivíduos, devido ao fato de ter ou não flexibilidade para ajustar sua vida como se deseja, e isso pode impactar diretamente nos riscos de vitimização.

Por fim, a terceira especificação acrescenta ao modelo com as características individuais, os fatores associados ao estilo de vida do estudante – residir com familiares, consumo de álcool e drogas ilícitas e sensação de insegurança – que podem impactar nas chances do indivíduo ser vítima de alguma forma de violência. Entre estas variáveis, apenas o consumo de álcool e a variável para sensação de insegurança mostraram-se significativas e tendo coeficientes positivos, indicando que aqueles indivíduos que consomem álcool tem uma

maior probabilidade de ser vitimado, assim como aqueles que se sentem inseguros. Em relação ao impacto do uso de álcool, autores como Mustaine e Tewksbury (1999) abordam que o uso de álcool pode tornar a pessoa vulnerável, e mais prováveis de entrarem em contato com um potencial agressor; já Basile e Smith (2011) afirmam que o consumo de álcool combinado a situações de risco pode se tornar um preditor da vitimização.

O resultado relacionado à variável de insegurança pode estar associado ao fato de que indivíduos que já foram vitimados tendem a reportar maior insegurança e que mulheres também tendem a ter maior medo de sofrer alguma vitimização. Myhill e Allen (2002) apontam em um estudo com mulheres britânicas que as que já foram vitimadas mostraram se sentir mais inseguras do que as que não foram. Woolnough (2009) afirma que estudantes do sexo feminino têm mais medo de sofrer alguma de forma de violência do que os do sexo masculino e também são as mais propensas a serem vitimadas. A não significância da variável que representa residir com a família, indica que a hipótese abordada na teoria do estilo de vida da ausência de um guardião capaz como preditor para a vitimização, não é válida para o caso dos estudantes desta instituição, uma vez que morar com a família não apresentou efeito significativo sobre a variável dependente.

E diferentemente da especificação (2), ao acrescentar as variáveis referentes ao estilo de vida, o estado civil apresenta coeficiente significativo e positivo<sup>13</sup>, indicando que os estudantes casados são mais propensos de serem vitimados. Este fato pode estar associado à grande incidência da violência doméstica no Brasil, sendo vivenciada também pelos universitários.

Posteriormente a variável dependente foi desagregada em violência física - esta agregando agressão física e violência sexual - e violência psicológica e foi regredida em relação às variáveis explicativas das características individuais e fatores associados ao estilo de vida, por meio do modelo *Probit* bivariado. Como dito anteriormente, este modelo possibilita analisar conjuntamente as duas categorias da variável de interesse e permite que os termos de erro estejam correlacionados, uma vez que os fatores não observáveis que afetam uma forma de violência podem influenciar simultaneamente a outra.

Assim como no modelo *probit*, na primeira especificação considerou-se apenas a variável *dummy* de sexo para captar o efeito de o estudante ser do sexo feminino sobre a probabilidade de sofrer alguma forma de violência e, posteriormente, foram agregadas as

<sup>13</sup> As teorias da vitimização afirmam que os casados possuem menor probabilidade de vitimização por focarem suas atividades dentro de casa ou com pessoas conhecidas, estando menos expostos ao contato com potenciais agressores.

demais variáveis escolhidas para analisar o impacto das características individuais e do estilo de vida sobre as chances de ser vitimado. Os resultados das estimativas são encontrados na tabela 6 e mais uma vez o modelo apresentou significância global por meio da análise do teste de Wald.

Tabela 6 - Probabilidade de sofrer violência associado a características individuais e fatores relacionados ao estilo de vida do estudante (*probit* bivariado)

| Variáveis    | Sofrer Violência Física |                                   | Sofrer Violência Psicológica |                                   |
|--------------|-------------------------|-----------------------------------|------------------------------|-----------------------------------|
|              | (1)                     | (2)                               | (1)                          | (2)                               |
| sexo         | 0.6206***<br>(0.16689)  | 0.7338***<br>(0.1892)             | 0.3002**<br>(0.15860)        | 0.4085**<br>(0.1819)              |
| cor          | -                       | -0.0177 <sup>ns</sup><br>(0.1755) | -                            | -0.1692 <sup>ns</sup><br>(0.1755) |
| hetero       | -                       | -0.5672**<br>(0.1985)             | -                            | -0.7864***<br>(0.1924)            |
| estado_civil | -                       | 0.3952 <sup>ns</sup><br>(0.5664)  | -                            | 0.6665 <sup>ns</sup><br>(0.5528)  |
| residir_fam  | -                       | -0.2068 <sup>ns</sup><br>(0.2393) | -                            | -0.1097 <sup>ns</sup><br>(0.2321) |
| alcool       | -                       | 0.3083 <sup>ns</sup><br>(0.2132)  | -                            | 0.4099*<br>(0.2205)               |
| ilicitas     | -                       | 0.1786 <sup>ns</sup><br>(0.2295)  | -                            | 0.0906 <sup>ns</sup><br>(0.2263)  |
| inseguro     | -                       | 0.6089***<br>(0.2814)             | -                            | 0.5996***<br>(0.1796)             |
| constante    | -1.4907<br>(0.1324)     | -1.3869***<br>(0.2732)            | -1.2659***<br>(0.1188)       | -1.3869***<br>(0.2732)            |
| N.obs        | 402                     |                                   |                              |                                   |
| Athrho       | 1.9227<br>(0.2272)      | 1.8900<br>(0.2495)                |                              |                                   |
| Rho          | 0.9581<br>(0.01862)     | 0.9553<br>(0.0217)                |                              |                                   |
| Wald chi2    | 15.58                   | 56.44                             |                              |                                   |
| Prob>chi2    | 0.0004                  | 0.0000                            |                              |                                   |

Fonte: Resultados da pesquisa

Notas: \* p<0.10; \*\* p<0.05; \*\*\* p<0.01; ns indica não significância; Erros padrão entre parênteses.

Os resultados apontados pelo modelo *probit* bivariado corroboram com as estimativas do modelo *probit*. A variável *dummy* de sexo apresentou significância tanto na especificação que considera apenas esta variável, quanto no modelo geral com as demais variáveis incluídas para ambos os casos de violência, indicando que o fato de ser mulher contribui para aumentar a probabilidade de vitimização em ambas as categorias, física e psicológica. Já o fato do indivíduo ser heterossexual reduz as chances de o indivíduo sofrer tanto violência física, quanto violência psicológica.

A variável que representa o consumo de álcool só apresentou significância para a violência psicológica, indicando que consumir álcool não é um preditor para sofrer violência física, mas contribui para as chances de sofrer violência psicológica. A *dummy* que capta a sensação de segurança se mostrou significativa a 1% para ambos os tipos de violência, mostrando que os estudantes que se sentem inseguros tem maior probabilidade de sofrer os dois tipos de violência. As variáveis *dummies* de cor, residir com familiares e uso de drogas ilícitas não mostraram ter efeito sobre a probabilidade de sofrer violência física ou psicológica, assim como no modelo *probit*. Já para o estado civil, apesar de no modelo *probit*, que considera como resposta se o indivíduo sofreu ou não qualquer tipo de violência, ter se mostrado significativa, ao desagregar pelas categorias de violência, não foi possível observar o mesmo resultado.

Por fim, o coeficiente rho, que mede a correlação entre os termos de erro das duas categorias, apresentou o valor de 0.9553 no modelo geral, significativo ao nível de 5% (p-valor igual a 0,0217). Esse resultado indica que há interdependência entre sofrer violência física e sofrer violência psicológica e, uma vez que o coeficiente apresentou sinal positivo, significa que os fatores não observáveis contribuem para elevação tanto da violência física, quanto da psicológica. Esse fato torna-se relevante à medida que valida a escolha do método econométrico e reafirma que as duas categorias têm um nível de associação, e por isso, devem ser estimadas conjuntamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das estatísticas sobre a violência contra a mulher no Brasil e no mundo e com o aporte das Teorias da Vitimização, presentes nos estudos da Economia do Crime, buscou-se observar se existem características pessoais e fatores relacionados ao meio social e ao estilo de vida do universitário que poderiam ter impacto sobre a probabilidade de vitimização, dando enfoque na relação entre violência e gênero. Com este intuito, as estimações foram realizadas utilizando um modelo Probit bivariado que permitiu observar a probabilidade de ocorrência das duas formas de violência: física e psicológica. As análises consideraram estudantes que vivenciaram ambas as violências, uma das duas formas e aqueles que não sofreram nenhuma das duas e permitiu relacionar características individuais e fatores do estilo de vida que contribuem para a manifestação do fenômeno no ambiente universitário.

O trabalho apontou que existem fatores individuais e relacionados ao estilo de vida do (a) estudante que podem contribuir para a probabilidade deste sofrer alguma forma de violência. Entre as variáveis que apresentaram significância em ambos os modelos utilizados estão o sexo, indicando que as mulheres são mais prováveis de serem vitimadas; a orientação sexual, em que os não heterossexuais apresentam maior probabilidade de vitimização; consumo de álcool, mostrando que os estudantes que fazem seu uso são os mais prováveis de serem vitimados; e a sensação de insegurança, apontando que aqueles que se sentem inseguros no campus têm maior probabilidade de sofrer algum tipo de violência. Observou-se, ainda, que na maioria dos casos a vítima conhecia o agressor e não realizou denúncia por não saber a quem recorrer ou não confiar nas resoluções da Universidade.

Provou-se, portanto, que a violência pode ser enxergada a partir das teorias de estilo de vida, mas ressaltando que as vítimas não podem, em nenhuma hipótese, serem culpadas por possíveis atos violentos. Os resultados apontam pela necessidade de políticas públicas que se destinam a conscientizar a população universitária contra a violência e discriminação, promover a redução da sensação de insegurança e ao mesmo tempo oferecer suporte às mulheres vítimas de violência no campus.

Sugere-se para futura pesquisas a reaplicação do método de análise para outras Universidades ou mesmo para a instituição aqui considerada, analisando uma amostra maior no intuito de verificar se a relação encontrada é confirmada. Ademais, podem ser feitas pesquisas que analisem especificamente a vitimização de estudantes não heterossexuais, uma vez que foi uma variável significativa em todas as especificações, dos dois modelos utilizados, o que parece indicar que o fator discriminação exerce grande influência na vitimização destes.

## REFERÊNCIAS

ARÁUJO, R. P.; SOUSA, F. M. S.; FEITOSA, V. C.; ALMEIDA E SOUZA, M. F. Perfil sociodemográfico e epidemiológico da violência sexual contra as mulheres em Teresina/Piauí. **Revista de Enfermagem da UFSM**, vol. 4, p. 739-750. 2014;

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES**. Uberlândia –MG. 2019

BASILE, K. C. S; SHARON, G. Sexual Violence Victimization of Women: Prevalence, Characteristics, and the Role of Public Health and Prevention. **American Journal of Lifestyle Medicine**. vol. 5, nº 5. p. 407-417 2011;

- BECKER, G. S. **Crime and Punishment: An Economic Approach**. University of Chicago and National Bureau of Economic Research. p. 1-54. 1968;
- CERQUEIRA, D; COELHO, D.S.C. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde**. Nota técnica, nº11. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). 2014;
- COHEN, L.; FELSON, M. Social change and crime rate trends: a routine approach. **American Sociological Review**, 44: 588-608, 1979;
- EDWARDS, K. M.; SYLASKA, K. M.; BARRY, J. E.; MOYNIHAN, M. M.; BANYARD, L.; COHN, E. S.; WALSH, W. A.; WARD, S. K. **Physical Dating Violence , Sexual Violence , and Unwanted Pursuit Victimization : A Comparison of Incidence Rates Among Sexual-Minority and Heterosexual College Students**. Journal of Interpersonal Violence, Vol. 30(4) 580 –600. 2015;
- FISHER, B. S., CULLEN, F. T.; TURNER, M. G. **The Sexual Victimization of College Women**. Washington: U.S. Department of Justice. 2000;
- FISHER, B.S.; DAIGLE, L.E.; CULLEN, F.T.; TURNER, M.G. **Reporting sexual victimization to the police and others: Results from a national-level study of college women**. Criminal Justice and Behavior, vol.30, nº1, p. 6-38. 2003
- FOX, K. A., NOBLES, M. R.; PIQUERO, A. R. (2009). **Gender, crime victimization and fear of crime**. Security Journal, 22(1), 24–39;
- FRANKLIN, C.A.; FRANKLIN, T.W.; NOBLES, M.R. KERCHER, G. **Risk Factors Associated with Women’s Victimization**. Crime Victims’ Institute • Criminal Justice Center • Sam Houston State University. 2011;
- GROSS, A.; WINSLETT, A.; ROBERTS, M.; GOHM, C. L. **An Examination of Sexual Violence Against College Women**. Violence Against Women. Vol. 12. Nº 3. March 2006;
- HINDELANG, M. J., GOTTFREDSON, M. R. & GAROFALO, J. **Victims of personal crime: An empirical foundation for a theory of personal victimization**. Cambridge, MA: Ballinger, 1978.
- INSTITUTO AVON/DATA POPULAR. **Violência contra a mulher no ambiente universitário**. 2015;
- INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**. Junho 2017;
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA); FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Atlas da Violência 2018**. Rio de Janeiro. 2018;
- LEHRER, J. A.; LEHRER, V. L.; LEHRER, E.L.; OYARZÚN, P.B. **Prevalence of and Risk Factors for Sexual Victimization in College Women in Chile**. International Family Planning Perspectives, vol. 33, nº4, p.168-175. 2007;
- LOURENÇO, N.; LISBOA, M.; PAIS, E. **Violência contra as mulheres**. Caderno Condição Feminina. Comissão para a igualdade e para os direitos das mulheres. Portugal. 1997;

MARTINS, J. C. **Determinantes da violência doméstica contra a mulher no Brasil.** Universidade Federal de Viçosa (UFV). Minas Gerais. 2017;

MUSTAINE, E. E.; TEWKSBURY, R. **A routine activity theory explanation for women's stalking victimizations.** *Violence Against Women*, 5, 43-62. 1999;

MYHILL, A.; ALLEN, J. **Rape and sexual assault of women: the extent and nature of the problem Findings from the British Crime Survey.** Home Office Research, Development and Statistics Directorate. March 2002;

PATRÍCIO, J. A. **Violência contra as mulheres: processos e contextos de vitimização.** Fórum Sociológico [Online], 25 | 2014 posto online no dia 10 novembro 2014, consultado 04 dezembro 2018. URL: <http://journals.openedition.org/sociologico/902>;

ROMIO, J. A. F. **A vitimização de mulheres por agressão física, segundo raça/cor no Brasil.** Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil/ organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.].- Brasília. Ipea, 2013;

SALVATO, M. A.; ARAUJO JUNIOR, A. F.; SILVA, G. R. **Características Pessoais e Probabilidade de Vitimização.** *EALR*, V. 7, nº 1, p. 233 - 248, Jan-Jun, 2016;

SIEGEL, J. A.; WILLIAMS, L. M. **Risk Factors for Sexual Victimization of Women.** *Violence against women*, Vol. 9. nº 8, p. 902-930. 2003;

SILVA, C. da. **Crime e vitimização: evidências teóricas e empíricas.** 2014. 116 f. Dissertação (mestrado em Ciências Econômicas). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômica, São Leopoldo, RS. 2014

SILVA, C; GODOY, M. R. **Avaliando a (Des) igualdade de Gênero e a Vitimização.** *Revista de Estudos Sociais*, v. 18, n. 37. 2016;

VALLS, R.; PUIGVERT, L.; MELGAR, P.; GARCIA-YESTE, C.; **Breaking the Silence at Spanish Universities: Findings From the First Study of Violence Against Women on Campuses in Spain.** *Violence Against Women*. Vol. 22(13) 1519 –1539. 2016;

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil.** 1ª Edição. Brasília – DF – 2015;

WOOLDRIDGE, J. M. **Introdução à econometria: uma abordagem moderna.** São Paulo Pioneira Thomson Learning, 2006;

WOOLNOUGH, A. D. **Fear of crime on campus: Gender differences in use of self-protective behaviours at an urban university.** *Security Journal*, vol. 22, p. 40 – 55. 2009;

WORLD ECONOMIC FORUM (WEF). **The Global Gender Gap Report 2015.** Switzerland. 2015;

ZOTARELI, V.; FAÚNDES, A.; OSIS, M.J.D.; DUARTE, G.A.; SOUZA, M.H. **Violência de gênero e sexual entre alunos de uma universidade brasileira.** *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.*, Recife, 12 (1): 37-46 jan. / mar., 2012.

